

Conjuntura Econômica do Brasil – Dezembro de 2004

Prof.^a Anita Kon

Se a economia brasileira cresceu 1% no terceiro trimestre de 2004 graças ao bom desempenho do mercado interno, particularmente no que se refere a investimentos, indústria e consumo das famílias, no final do ano já se observou uma desaceleração na elevação destas variáveis. O principal motor da economia brasileira durante o terceiro trimestre havia sido a indústria e apesar da continuidade do crescimento no último trimestre do ano, o ritmo de expansão industrial foi menor.

Especialistas avaliam que a indústria passa por uma fase de acomodação, e não de freio na tendência de crescimento e pelo segundo mês consecutivo verificou-se uma taxa negativa na produção e nas vendas industriais. Apesar do desaquecimento das vendas houve expansão do número de horas trabalhadas na produção industrial e dos empregos, o que mostra que as empresas estão investindo e ampliando a produção, pois o uso da capacidade instalada quase chegou a seu limite.

A elevação de juros também afetou negativamente a indústria e a expectativa dos consumidores, e o impacto é mais visível no consumo de bens duráveis, como veículos, eletrodomésticos e móveis, que dependem mais do crédito. No terceiro trimestre do ano, destacou-se o bom resultado do comércio no varejo. Com crédito mais farto, os consumidores passaram a comprar mais bens financiados, como carros e eletrodomésticos. Porém no último trimestre revelou-se uma "acomodação" na expansão do varejo e as vendas natalinas mostraram menor crescimento do que o esperado e o comércio no país virou o ano com nível de estoque considerado médio, causado pela falta de expansão do salário médio real, falta de solidez na elevação da taxa de emprego e o temor de novas puxadas nos juros.

Embora frustrando as expectativas de vendas para o Natal, entre os setores de comércio varejista, o ramo de supermercados e as lojas de alimentos e bebidas, no qual a maior parte das compras é à vista, foram os setores cujas vendas mais cresceram (10,65% em novembro/2004). Os setores de móveis e eletrodomésticos e de bens duráveis, que dependem mais de crédito, também registraram grandes altas no volume de vendas, embora menores do que no meio do ano. O Comércio virtual representou 3,6% do total do varejo e as vendas *on-line* aumentam 42% no Natal em relação a 2003. Outros grupos de tecidos, vestuário e calçados registraram queda nas vendas (1,43%).

Dessa forma, a economia deve encerrar o último trimestre do ano com crescimento zero em relação ao trimestre anterior e as estimativas são de que a desaceleração continuada fará com que o país cresça, em 2005, menos do que em 2004. A alta dos juros é um dos motivos que explicam o freio na economia, pois o Banco Central defende a ideia de que é preciso conter o crescimento para debelar pressões inflacionárias.

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo-15 (IPCA-15), prévia do índice oficial do governo, avançou para 0,84% em dezembro, atingindo 7,54% no acumulado de 2004. A meta de 8% de inflação no ano (incluindo uma tolerância de 2,5%) era centralizada em 5,5%. A alta em dezembro foi motivada pelo aumento dos combustíveis, pelas tarifas de telefonia fixa, pela passagem de ônibus urbanos e por vestuário. Os especialistas destacam que a alta dos preços foi amenizada pela desaceleração da produção industrial provocada pela demanda fraca principalmente nos produtos não-duráveis.

De um modo geral, no ano de 2004 o reajuste de preços foi bem mais forte no atacado, (15,09%), do que para os consumidores (6,2%). Os maiores responsáveis foram o choque do petróleo (que afetou os preços de matérias plásticas, produtos petroquímicos e combustíveis), os preços dos produtos siderúrgicos e o aumento das tarifas públicas em 2004. O setor

siderúrgico foi o grupo que exerceu maior influência sobre a inflação como impacto da valorização de ferro, aço e derivados (59,28% em 2004), que pode ser verificado também na construção civil. Já os preços dos produtos agrícolas tiveram comportamento oposto em 2004 e contribuíram para segurar a inflação no atacado mesmo em períodos de entressafra, subindo apenas 2,29%.

Visando a contenção das taxas de inflação, o Banco Central promoveu novamente em Dezembro, o aumento de 0,5% nos juros básicos elevando a taxa (Selic) para 17,75% ao ano, nível mais alto desde novembro de 2003. O aumento esperado correspondeu ao quarto mês seguido de alta nos juros. O Brasil agiu de forma exatamente contrária à de outros países que, tendo em vista a valorização de suas moedas em relação ao dólar, decidiram adiar a decisão de elevação dos juros e até cortar suas taxas. A consequência, segundo os analistas, será a continuação da alta do real puxada por investimentos especulativos de curto prazo, pois a taxa de juros reais do Brasil está em 10,6%, a segunda mais alta do mundo.

Com relação ao equilíbrio fiscal do governo federal, em 2004, apesar do ajuste efetuado, os gastos correntes serão R\$ 23,6 bilhões maiores do que as de 2003. Os gastos regulares do governo (descontados juros), que representaram 16,3% do PIB no ano de 2003, passaram a representar 17,7% em 2004. A meta de superávit primário de 4,25% do PIB, pelo acordado com o FMI, foi cumprida com folga em 2004, obtida com a elevação da carga tributária e pela reação da atividade econômica. Para 2005 a previsão é de superávit primário de 4,1% do PIB. A carga tributária brasileira aumentou 1,7% do PIB em 2004 até setembro em relação a 2003, correspondendo a 31,26% do PIB (no mesmo período de 2003, foi de 29,56%), particularmente devido à elevação da alíquota da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social, de 3% para 7,6%.

Um dos maiores resultados positivos de 2004 foram as exportações brasileiras e o saldo da balança comercial, que ultrapassaram a meta governamental para o ano. Até o dia 26/12/04, as exportações somaram US\$ 94,9 bilhões – US\$ 900 milhões acima da previsão do governo e as importações de US\$ 61,82 bilhões. O saldo de US\$ 33,08 bilhões ultrapassou em US\$ 1 bilhão a projeção oficial para 2004, devido principalmente à queda das importações em relação a novembro.

Por outro lado, pela primeira vez desde o período de flutuação cambial, iniciado em janeiro de 1999, a cotação do real diante de uma cesta de moedas internacionais está valorizada, desde setembro. O setor exportador teme que o real mais forte possa ameaçar a competitividade das exportações brasileiras. Entretanto, até o momento, esse movimento de apreciação da moeda brasileira ainda não atingiu o desempenho das vendas externas brasileiras.

Com relação à taxa de desemprego, após dois meses consecutivos de queda, a taxa de novembro ficou estacionada em 10,6% em novembro e o rendimento médio do trabalhador também ficou estável, com uma variação de apenas 0,1% de outubro para novembro. Esta taxa de desemprego reflete um aumento do número de pessoas que procuraram trabalho, otimistas com o desempenho da economia, não havendo uma piora do mercado de trabalho. Outro resultado positivo em 2004 foi da taxa de investimentos em capital físico, fator indispensável para a sustentação do crescimento econômico, que se elevou para 21% do PIB no terceiro trimestre, pois no terceiro trimestre de 2003 havia ficado em 17,8%. A realocação de recursos de grandes investidores que confiaram em investimentos em títulos brasileiros, levou o risco-país brasileiro abaixo dos 400 pontos (pela primeira vez, desde 1997).

EITT/PUCSP – Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia
Contatos: anitakon@pucsp.br - São Paulo/Brasil
Assistente de pesquisa: Emmanuel Nakamura